

HISTÓRIA

do Mês

n.º 44 | agosto.18

O PROMONTORIUM SACRUM vertiginosa atração da Finisterra



“Promontorium Sacrum - refúgio dos Deuses” (Ricardo Soares, 2014)

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE VILA DO BISPO



Município
Vila do
Bispo

O PROMONTORIUM SACRUM vertiginosa atração da Finisterra

«Avançado sobre o oceano qual navio, não possui evidências materiais de um qualquer santuário ou altar a Hércules, como Éforo referira, ou a qualquer outra divindade, mas que em muitos sítios há grupos de três ou quatro pedras, que são pelos visitantes voltadas por tradição e deslocadas depois de fazerem libações. Aos peregrinos não é permitido realizar sacrifícios, nem frequentar o lugar durante a noite, pois os deuses nele se encontram. Pernoitam numa aldeia vizinha e entram nele durante o dia, levando consigo água, já que o lugar não a tem.»

(Estrabão, *Geographia*, III, 1, 4-5, tradução de Amílcar Guerra, 1992)

Atendendo à sua situação geograficamente extrema e periférica, na finisterra mediterrânica, na ponta mais sudoeste da Península Ibérica e do próprio Continente Europeu, a região de Sagres (Vila do Bispo) surge vulgarmente conotada como um “Fim-do-Mundo”. Porém, tal preconceito encontra-se longe de corresponder à justa realidade!

De facto, na Era Paleozoica, há cerca de 320 milhões de anos, a estrutura geológica que mais tarde se definiu como Ibéria - a *Jangada de Pedra* de Saramago - localizava-se embrionariamente no seio do supercontinente Pangeia, precisamente no centro do Mundo de então.

Com a paulatina derivação das placas continentais e contrariando a sua nova localização, desta feita efetivamente periférica, o grande Cabo, que ulteriormente serviu de palco à fundação de Sagres, impôs-se, por reações histórico-culturais, como uma central e particularmente movimentada ‘esquina’ da Terra.

Recortado entre dois mares, temperado pelo Mediterrâneo e arejado pelo Atlântico, erguido com xisto, grauvaque, grés e calcário argamassados com barros suaves, coberto por cálidas terras e penteado de verdes perenes, o original palco geológico assume-se, ao longo das Eras, como um incrível epicentro de episódios que geraram significativas reverberações à escala global.

Neste território e com este enquadramento natural tão especial, uma rara combinação de particularidades geográficas, geológicas e ambientais ocasionou um incrível ‘cocktail’ que favoreceu uma série de manifestações culturais, designadamente a fixação, há cerca de 33 mil anos, de pioneiros grupos humanos de caçadores-recoletores-mariscadores. Estas distintas famílias paleolíticas, constituídas por Homens Neandertais e por Homens Modernos (*Homo sapiens*), tornaram-se, assim, as primordiais peças da nossa matriz genética!

Mais tarde, já nos finais da Idade Média, foram precisamente estes determinismos geográficos, potenciados por históricas tensões de ordem política e militar, que, numa estratégica reação à pressão de uma única fronteira terrestre, empurraram os portugueses além-mar, obrigando-os a transpor uma fronteira marítima e mental com o desconhecido, levando-os à Descoberta de novos continentes, desencadeando uma inédita globalização cultural e, naturalmente genética.

Se por um lado é relativamente claro compreender a influência de decisivos fatores de ordem natural na construção de um território cultural, mais exigente será justificar o facto da região de Sagres reunir uma série de características, também de raiz conatural, que fazem deste extremo do Mundo um excepcional cenário de especiais manifestações espirituais.

Esta assumida dicotomia ‘Geografia-Sagrado’ assume-se como um intenso fio-condutor que nos permitirá melhor compreender a essência das paisagens culturais de Sagres.

O nosso extremo sudoeste manifesta uma remota, muito intensa e contínua vocação e exploração mágico-religiosa, desde os primórdios da sua ocupação humana até aos nossos dias. Na aurora da Humanidade estas paisagens acolheram cultos alimentados pela atração da finisterra, que evoluíram para discursos religiosos, petrificando-se em monumentos megalíticos, vingando nos tempos, cristianizando-se, santificando-se, edificando-se em templos, expandindo-se em procissões, romarias e peregrinações, migrando e globalizando-se.

Desde muito cedo, a região foi escolhida como base de implantação de comunidades que nestas distintas paragens decidiram fixar-se, legando-nos, à guarda do espaço e do tempo, numerosos e diversificados vestígios arqueológicos, verdadeiras provas materiais e definidos rastros culturais da sua longínqua presença. Com elevada expressão e apreciável monumentalidade, estas paisagens ainda preservam a maior concentração de menires da Península, muito provavelmente os mais antigos do Ocidente Europeu. Potenciais esculturas antropomórficas, estes menires serviram de suporte às mais primitivas manifestações gráficas, autóctones, produzidas no Sudoeste Peninsular. Possivelmente, encontramos-nos perante um pioneiro fenómeno megalítico que, irradiado de sul para norte, atinge mais tarde o seu apogeu nos alinhamentos meníricos de Carnac, na Bretanha Francesa, e no monumento megalítico de Stonehenge, em Inglaterra - a 'catedral' do Megalitismo Europeu.

Esta eminente e longínqua vocação mágico-religiosa, excepcionalmente monumentalizada há mais de 6000 anos pela sacralização megalítica das paisagens neolíticas, foi mais tarde perpetuada por exploradores mediterrânicos, de origem greco-romana.

A historiografia permite-nos recuar até ao século IV a.C. para lá resgatar as primeiras referências escritas conhecidas relativas ao 'culto de Sagres'. De facto, a mais antiga descrição e associado baptismo toponímico da região deve-se a geógrafos-exploradores gregos que visitaram, a partir do século VI a.C., o "Fim-do-Mundo" mediterrânico, segundo a antiga cosmovisão Greco-Romana. Desde então que este grande Cabo é conhecido por *Hieron akroterion*, denominação traduzida para o Latim, no século I a.C., como *Promontorium sacrum*, e, para o Português, como "Promontório Sagrado", ou seja... SAGRES!

Já na Idade Média, entre o século VIII e o século XII, num fenómeno de *interpretatio*, de continuidade cultural e de devoção ao lugar, o *Promontorium sacrum* parece ter acolhido as relíquias do mártir Vicente, um dos primeiros e mais importantes santos da Igreja Católica Apostólica Romana. Segundo as fontes históricas, árabes e cristãs, e a tradição religiosa hagiográfica, algures, na zona de Sagres, terá existido um templo dedicado ao culto de São Vicente, a *Kanisat al-Gurab* ou Ermida do Corvo, há época um dos santuários mais concorridos nas rotas de peregrinação moçárabe da Península Ibérica. Entretanto desaparecida, presume-se que a mítica Ermida do Corvo terá sido edificada, precisamente, na ponta mais sudoeste da Europa Continental, denominada desde então de "Cabo de São Vicente".

Posto isto, podemos garantir que há cerca de 6 mil anos já existiam monumentos de índole religiosa nestas paragens e, há 2400 anos, o nosso Cabo já era reconhecido como "Sagrado" - um altar rupestre reservado aos deuses da Antiguidade!

Porém, nem todas as evidências desta preferência pelo lugar são palpáveis. Numa frequência distinta, imaterial, as paisagens culturais também encerram um outro género de informações: sinais codificados em emoções e manifestações de culto, nem sempre fáceis de detetar e de interpretar, mas que são essenciais para a compreensão de realidades culturais de outrora.

Na sua maior parte, os estudos dedicados aos antigos cultos focam-se, particularmente, nas divindades e/ou nos templos edificados, subvalorizando, regra geral, as paisagens e outros aspectos geográficos e paisagísticos, potencialmente determinantes para os fenómenos de sacralização de *loci* naturais.

Desde sempre, o Homem foi atraído por determinadas paisagens naturais, carregadas de peculiares forças ingénitas. Estes locais, potencialmente contemplativos, místicos, geralmente ermos, particularmente nascentes, quedas-d'água, pegos, recortes de rio, cumes de montanha, cavernas, afloramentos, rochedos e promontórios, foram sacralizados e monumentalizados enquanto suportes de discursos simbólicos e ideológicos, de construções mentais, autênticos recipientes de memórias colectivas de loco-identidades culturais. Sítios que adquirem sentido para além dos sentidos. Arquiteturas espirituais que se edificam sobre pilares naturais e humanos, numa teia de símbolos, mitos e rituais que investem as paisagens de multisignificâncias.

Neste horizonte, os promontórios constituem-se como diferenciados edifícios naturais, desde sempre reconhecidos pelo Homem como espaços privilegiados para a (re)criação de especiais paisagens culturais. Misteriosos acidentes geográficos que apartam os mares, a terra e o céu. Monumentais arquiteturas geológicas. Nativos templos numinosos e hierofânicos.

Nos mais proeminentes recortes da crosta terrestre, os cabos atraem numerosos visitantes, numa vertiginosa atração pela finisterra, num inexplicável apelo pelos extremos do Mundo, numa demanda pelo horizonte infinito, desconhecido, onde o sol, a lua e todo o séquito de astros morre no mar e nele renasce todos os dias, desde sempre e para sempre.

Esta intemporal metáfora, do milagre da Vida e dos mistérios da Morte, diariamente encenada por uma ordem natural no palco dos promontórios, encontra-se poeticamente narrada num texto do século IV d.C., no qual o autor latino Rufius Avienius descreve um pôr-do-sol no “Cabo Cinético”, o futuro Cabo de São Vicente: «Então, lá onde declina a luz sideral, emerge altaneiro o Cabo Cinético, ponto extremo da rica Europa, e entra pelas águas salgadas do Oceano povoado de monstros.» (*Ora Maritima*, vv. 201-204, tradução de J. Ribeiro Ferreira, 1992).

Passados quase 1500 anos, ainda nos dias de hoje, diariamente, são centenas as pessoas que rumam até ao Cabo de São Vicente. Naquele imperturbável altar de pedra assistem sideradas ao fleumático mergulho sideral. Com os seus mais queridos aplaudem com esperança a extinção do astro rei, brindam à Vida e ressentem-se da irreparável ausência dos que já partiram, testemunhando que, independentemente dos tempos e dos preconceitos, a Humanidade é um sentimento, uma primária partilha de emoções comuns, uma estranha sensação de Ser Humano...



Texto e fotografias de Ricardo Soares
arqueólogo, Município de Vila do Bispo
Artigo “O Promontorium Sacrum: intemporal Santuário Natural,
petrificada Paisagem Sagrada, vertiginosa Atração da Finisterra”,
in GARANTA - Revista de Letras, Artes e Cultura, n.º 1, 2018.

“Cabo de São Vicente - *Geographia Sacra*” (Ricardo Soares, 2014)